



REVISTA INTERDISCIPLINAR ENCONTRO DAS CIÊNCIAS
V.3, N.3, 2020

O FUTURO DE UMA (A)ILUSÃO: O QUE AS CRIANÇAS DIZEM SOBRE A PANDEMIA DO COVID-19

THE FUTURE OF (A)ILLUSION: WHAT CHILDREN SAY ABOUT THE COVID-19
PANDEMIC

Elisangela Maria da Silva¹ | Luana Maria Cavalcanti do Rêgo Barros Siqueira²

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo discutir possibilidades de interfaces entre Educação e Psicanálise, especialmente a partir do que as crianças demandam em tempos de pandemia. Para tanto, partimos das contribuições teóricas de Freud, entre outros, acerca da transferência. Metodologicamente, realizamos uma discussão teórica acerca do brincar na criança e como esta põe em cena seus próprios conflitos a partir de exemplos ilustrativos do dizer de crianças¹. Nesse entrelaçamento, observamos a importância que deve ser atribuída àquilo que a criança diz, bem como ao que é dito a ela a partir da grande influência que pais, professores e outros alunos exercem sobre a criança por estarem investidos de uma relação afetiva.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. Psicanálise. Demandas das crianças em tempos de pandemia. Transferência.

ABSTRACT

The present study aims to discuss possibilities of interfaces between Education and Psychoanalysis, especially from what children demand in times of pandemic. For that, we start from the theoretical contributions of Freud, among others, about the transference. Methodologically, we conducted a theoretical discussion about playing with children and how they present their own conflicts based on illustrative examples of children's speech. In this interweaving, we observe the importance that should be attributed to what the child says, as well as what is said to him from the great influence that parents, teachers and other students have on the child because they are invested in an affective relationship.

KEYWORDS

Education. Psychoanalysis, Children's demands in times of pandemic. Transfer.

INTRODUÇÃO

*No aeroporto o menino perguntou:
-E se o avião tropical num passarinho?
O pai ficou tonto e não respondeu.*

*O menino perguntou de novo:
-E se o avião tropical num passarinho triste?
A mãe teve ternuras e pensou:*

*Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?
Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?*

¹ Disponível em: <https://www.frasesdecrianças.com/>. Acessado em: 22 jun. 2020.

*Ao sair do sufoco o pai refletiu:
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.
E ficou sendo.
(BARROS, 1999)*

O poema de Manoel de Barros expõe de forma incrível a ingenuidade e curiosidade infantil através do diálogo entre uma criança e seus pais. Nele vemos um garoto que faz uma indagação muito pertinente na imaginação dele, mas que por ser algo que não se constitui uma preocupação para os adultos, acaba sendo recebida com surpresa pelos pais.

Entretanto, a criança insiste, querendo saber o que aconteceria se um avião trombasse com um pássaro triste em pleno voo. A mãe então, entende que aquela curiosidade é permeada por uma grande beleza e poesia, mas também poderia ser permeada por tristeza, angústia, medo e preocupação, principalmente, considerando o atual cenário de pandemia da Covid-19. É o que podemos supor no dizer de S (6 anos), que ao finalizar a oração comentou: “Mãe, esse vírus precisa ir embora logo, porque ele deixa a gente com saudade das outras pessoas”.

Nesse sentido, objetivamos discutir possibilidades de interfaces entre Educação e Psicanálise, tendo como ponto de partida as demandas das crianças em tempos de pandemia. Assim, partimos das contribuições teóricas de Freud sobre a transferência, primeiramente tratada na relação médico-paciente, em seguida, se dando também nas mais diversas relações estabelecidas pelo indivíduo na sua vida.

No entrelaçamento entre Educação e Psicanálise, observamos a importância que deve ser atribuída àquilo que a criança diz, bem como ao que é dito a ela a partir da grande influência que pais, professores e outros alunos exercem sobre esta por estarem investidos de uma relação afetiva, na qual os sentimentos de admiração e de respeito são transferidos do pai para o professor, assim como a “ambivalência afetiva” que reside na antítese amor-ódio.

Numa tentativa de abordar empiricamente o objetivo proposto neste estudo, recorreremos, apenas a título de ilustração, a recortes dos dizeres de crianças em interação com pais e professores no contexto da pandemia do Covid-19. Esses dizeres foram retirados da página do *Instagram* “*Frases de crianças*”, no recorte “*Frases de crianças na quarentena*”, publicada no dia 22 de junho, de 2020, como já mencionado em nota de rodapé.

Para uma melhor compreensão dividimos este trabalho em duas partes, na primeira, discutimos, de forma breve, a finalidade da educação e o conceito de transferência de Freud (1927), com reflexões de recortes do dizer de crianças. E na segunda, abordamos o brincar como forma da criança elaborar seus conflitos em meio ao atual contexto, também com reflexões de recorte do dizer de crianças.

Mais do que explorar as demandas das crianças em meio à pandemia da Covid-19, o presente estudo nos permitiu colocar em questão como as crianças estão sendo tocadas de maneira diferente por essa experiência.

DESENVOLVIMENTO

AS RELAÇÕES AFETIVAS NO ATO EDUCATIVO

A palavra ilusão deriva do verbo latino *illudo*, "divertir-se", "recrear-se", mas também "burlar", "enganar". Em nossa língua, "iludir" evoluiu com o sentido de ter a esperança de algo desejável.

A palavra "alusão", derivada também do latim *allusio.onis*, significa ação de brincar com, aquilo que faz menção. A alusão também é uma figura de linguagem caracterizada pelo uso de uma referência ou citação a um fato ou pessoa (real ou fictícia), necessariamente conhecido pelo interlocutor. Na alusão, não se aponta diretamente o fato em questão; apenas o sugere através de características ou metáforas.

Vemos que a (a)ilusão pode remeter a algo da ordem do desejo. Desejo de brincar aludindo ao que pode ser improvável, mas não impossível. Com respeito a isso, Freud (1927, p. 21) nos diz que "o que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos". Assim, o desejo de possuir poderes para acabar com o vírus da Covid-19, ou o desejo que ele desapareça para poder rever a professora e os coleguinhas, pode ser verdade, considerando o conhecimento da Ciência sobre vírus e sobre o combate a pandemias.

Dessa forma, pode-se chamar a crença, nesse poder de destruição do vírus, de ilusão, já que sua motivação é constituída por uma realização de desejo. Desejo de poder ir à escola, desejo de rever amigos e parentes, desejo de voltar ao treino de futebol ou de natação, desejo de poder abraçar e beijar os que gostamos.

Ao trazermos o jogo de palavras (a)ilusão, pensamos fazer menção ao texto de Freud (1927), *O futuro de uma ilusão*, considerado como seu testamento pedagógico, visto que para Freud a finalidade da educação é a instauração do princípio de realidade, em que é permitido ao indivíduo, submetido ao princípio do prazer, a passagem de pura satisfação das pulsões para o universo simbólico. Universo esse que se dá pela linguagem, pela mediação da palavra, à qual, desde sempre à criança encontra-se submetida e à qual é possível a simbolização das relações afetivas.

Sobre esse aspecto, em seu texto *Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso*, Mariotto (2017, p. 36) afirma entender que "todo ato

educativo refere-se a operações de transmissão – de um legado, de um saber, de um desejo –, e de transformação – da carne, ao sujeito”.

Ainda para esta autora,

Freud apresenta que educar é *transferir* um legado de pai para filho. Partindo da suposição de que a relação pedagógica está implícita na relação humana, a educação se desenvolve muito mais pelo laço que se estabelece do que pelo conhecimento adquirido que expressamos ao outro (MARIOTTO, 2017, p. 37, destaque da autora).

Nesse sentido, pesamos que o ato educativo deva ser concebido como acontecendo numa relação com o outro, em que se faz necessário cultivar o respeito mútuo, o reconhecimento das necessidades e a busca da expressão dos desejos, em que os alunos sintam-se envolvidos com a figura do professor, tida como fonte de inspiração, sendo que cada aluno vive isso à sua maneira. É o que pode ser escutado dos dizeres abaixo:

F: 7 anos (Diz como é ficar sem aula)

F: No começo até gostei de ficar em casa sem aula, mas agora tenho saudade da minha professora e dos meus amiguinhos. É muito chato só ficar em casa.

I – 5 anos (Diz o que achou da aula remota)

I: Gostei um bocado, porque estava muito triste sem ver meus amigos.

I: Mas foi mais ou menos, porque será melhor quando acabar esse corona vírus e eu vir meus amigos e poder abraçar eles com tanto carinho, tanto carinho e dar um beijo.

T – 5 anos (diz sobre ficar em casa)

T: Tô com saudade da minha escola e dos meus amiguinhos e da minha avó. Fica choroso ao falar que gostaria de ver o amigo Rodrigo e diz que deseja que o corona vírus vá embora.

G – 6 anos (Diz como se sentiu com a aula pelo computador – vídeo)

G: Fiquei muito triste, porque não consegui ver meus amiguinhos e a professora fica só falando, falando e eu não sei, se ela sabe se eu estou entendendo ou não.

G: Eu acho que minha professora não manda vídeo todos os dias para não nos acostumarmos a aulas só no computador.

As demandas das crianças em relação a ausência da aula ou ao retorno da aula, em meio à pandemia do Covid-19, nos traz uma reflexão sobre como as crianças estão sendo tocadas de modos diferentes por essa experiência e sobre como na relação professor-aluno, aluno-aluno podem estar envolvidas muito mais coisas do que a simples transmissão de conteúdo.

Nas demandas das crianças vemos que, no ato educativo, o professor (em transferência) se torna portador de algo que é do aluno e passa a ser revestido de algo especial, que lhe garante um lugar onde poderá ser escutado pelo aluno. Aqui vemos o que salienta Kupfer (2005, p. 91), na relação pedagógica, a transferência “se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor”.

Iniciada a transferência, a figura do professor é esvaziada de sentido e preenchida pelo aluno conforme sua fantasia, como no dizer de G: “eu não sei, se ela sabe se eu estou entendendo ou não”.

Assim, transferir é “atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo” (KUPFER, 2005, p. 92).

Para Ribeiro e Neves (2006), o professor acolhido pela transferência passa a fazer parte do inconsciente do aluno, e é a partir desse lugar onde é colocado, que será escutado, ou seja, tudo que o professor disser será ouvido através dessa posição particular que ocupa no inconsciente do sujeito. Desse modo, vemos que a transferência acontece de forma natural na relação professor-aluno, assim como nas outras relações humanas. O que nos faz pensar nas metáforas do faz-de-conta, no brincar em tempos de pandemia, em que uma criança pode com seu desenho fazer um antídoto para curar a humanidade desse vírus. Algo que será discutido no tópico a seguir.

O BRINCAR COMO ELABORAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

É no brincar, e talvez apenas no brincar que a criança e o adulto experimentam liberdade suficiente para criar e criar-se. Pensando nessa questão, Freud (1908) nos diz que a criança brincando, cria um mundo próprio ou rearranja as coisas de forma que lhe agrada, passando a levar o seu jogo a sério e investindo emoção nele.

Ainda de acordo com Freud (1908), o brincar infantil é determinado por desejos. Mas salienta que, ao investir no mundo do brinquedo, é preservada a diferença entre o real (realidade) e a fantasia. Assim, se levarmos em consideração o momento atual, apesar de uma criança pensar e querer criar um antídoto para curar a humanidade, como citado no tópico acima, ainda assim, não deixa de levar em consideração os cuidados reais e necessários, como: lavar bem as mãos, utilizar a máscara e o distanciamento social. Com este exemplo, entendemos que a relação com o brincar não é colocado como uma atividade apenas imaginativa, e sim como uma realização do sujeito do inconsciente.

Para Winnicott (1896-1971) as crianças brincam por prazer, mas acrescenta que também brincam para dominar as angústias, controlar as ideias e ou impulsos que conduzem à essa angústia.

É através da brincadeira que a criança adquire experiência e evolui. Brincadeiras criadas por si própria e também brincadeiras inventadas por outras crianças ou um adulto. No início, a criança normalmente brinca sozinha ou com a sua mãe; em seguida, inicia a brincadeira com outras crianças, e fazem amigos e inimigos durante a mesma, ou seja, a brincadeira fornece uma organização para esse início de relação emocional, contribuindo para o desenvolvimento da socialização.

Tanto Winnicott (1896-1971), assim como Freud (1908), acreditam que é pelo brincar, simbolizando, falando e representando os conteúdos que as perturbam, que as crianças revelam e podem elaborar momentos traumáticos que ocorreram durante o seu desenvolvimento.

Como exemplo disto, temos o caso de J (07 anos), que por solicitação da professora para a atividade do dia, pesquisasse um poema, e ao final fizesse uma ilustração sobre este. J escolheu um

poema onde o foco principal era o livro e a importância deste para a vida das pessoas. Ao ilustrar sobre a atividade, J desenhou o mundo, ressaltando que era um mundo doente, e ao lado do mundo estavam as bactérias (que nesse caso, se referia ao Corona vírus).

Desse modo, vemos que é por meio do brincar, do faz-de-conta que a criança ensaia respostas que a tiram de um lugar de passividade diante do Outro. A partir desse recurso psíquico a criança liga, elabora, faz série singular dos acontecimentos da própria vida, articulando significantes diante de acontecimentos do real (JERUSALINSKY, 2009). E assim ser possível para C (3 anos): “criar uma bola de sabão que proteja o mundo inteiro” e para H (5 anos): “pedir para brincar de estátua com o corona vírus / aí ele fica parado e não pega ninguém”.

É nesse sentido que Jerusalinsky (2009, p. 196) diz que o tempo do brincar é o tempo do faz-de-conta, do agora eu era, do como se, evocando o marco do brincar simbólico, “tempo em que a criança goza dos deslocamentos a que o significante dá lugar, das metáforas que ele possibilita e por meio das quais uma coisa pode ser tomada por outra”. Como em tempos de *home office*, em que a filha passa a ser mãe. A exemplo no diálogo entre L (3 anos) e sua mãe: “Filha, fale baixo que o papai está em reunião” passar a ser “Mamãe, fale baixo que o papai tá com o Rei Leão!”. Ou ainda ser possível brincar no mesmo espaço que a mamãe trabalha sem atrapalhá-la, como nos dizeres de R (8 anos): “Mas eu não estou te atrapalhando. Estou brincando aqui no meu canto... É que meu canto é atrás de você”.

Assim, vemos que por meio das metáforas do faz-de-conta a criança tece uma ficção de si mesma como possibilidade de vir a ser e enquanto resposta ao seu Outro (JERUSALINSKY, 2009). Podendo alternar lugares filha-mãe, como do dizer de L (3 anos), citado acima e de neto-avó, como no dizer de Gb (8 anos) ao repreender sua avó, de 75 anos, que continuava a sair de casa em meio à pandemia:

GB – 8 anos

GB: eu parei de ir para a escola, não estou brincando com meus amigos e a senhora passeando... Não me deixe triste, vovó!

A avó começou a chorar e prometeu que não vai sair mais.

Vemos que por meio do brincar a criança põe em cena respostas que vem elaborando diante do seu Outro. Por meio de seus personagens e desenlaces fantasiosos elas representam seus próprios conflitos numa tentativa de elaboração, precisando encontrar certo ponto de identificação e certa acolhida para os companheiros de jogos na trama.

É nesse sentido que Jerusalinsky (2009) compara o brincar, a uma encenação teatral e diz que essa encenação possibilita à criança ter acesso a um gozo e a jogar com o deslocamento de posição entre ator e espectador de seu próprio drama deslocado a um marco ficcional.

Assim, vemos que o cenário de incerteza e angústia que estamos vivenciando geram impasses e tensões que necessitam de elaboração, porque aquilo que não elaboramos, repetimos. É preciso lembrar que o risco é para todos, mas isso não quer dizer que atinja a todos da mesma forma, como nos exemplos ilustrativos dos dizeres das crianças.

Algumas crianças, por exemplo, estão curtindo a atenção e aproximação com os pais, outros necessitam de certo distanciamento. Mas como pensar o distanciamento com todo mundo dentro de casa? Com demandas domésticas? Escolares? Trabalho?

Para tais perguntas não há resposta única, visto que cada sujeito e cada família também é única. Mas podemos pensar alternativas, como a mãe do garotinho do poema de Manoel de Barros, que viu na curiosidade do filho um momento para a escuta. Assim como o pai desse mesmo garotinho que ao sair do momento de “sufoco”, “refletiu” e abriu espaço para o diálogo, para a faz-de-conta.

Certamente é dessa escuta, dessa reflexão que necessitamos, para entender que àquela rispidez não funcionou, só nos deixou mais irritados e nosso filho choroso, mas que talvez um “vamos tentar de outra forma amanhã”, possa indicar meios que possibilitem abertura para a escuta.

Não foi por acaso que convocamos o Manoel de Barros para introduzir nosso estudo, porque esse escritor além de ser conhecido como “poeta das infâncias” ainda nos diz que: “a escrita de uma memória teria que ser sempre a escrita de uma infância – imaginária, sim, porém, enraizada na experiência vivida”. Dessa forma, deixamos alguns questionamentos, não com intensão de respondermos, mas no intuito de novas reflexões. Que experiências estamos passando para os pequenos? Como estamos construindo as narrativas para esse momento de pandemia?

Assim, quem sabe possamos aprender com a poesia e com as crianças a ressignificar aquilo que nos rodeia, a explorar nossa casa, as tarefas domésticas, os brinquedos, o brincar, com a curiosidade de quem os olha pela primeira vez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo de cunho bibliográfico, sobre as contribuições teóricas de Freud, entre outros, acerca da transferência, teve como objetivo discutir possibilidades de interfaces entre Educação e Psicanálise, especialmente a partir do que as crianças demandam em tempos de pandemia, partindo

A partir do diálogo entre essas duas áreas, Educação e Psicanálise, observamos a importância que deve ser atribuída àquilo que a criança diz, bem como ao que é dito a ela a partir da grande influência que pais, professores e outros alunos exercem sobre a criança por estarem investidos de uma relação afetiva. É nesse sentido que concordamos com Ribeiro e Neves (2006), ao afirmarem não ser possível ensinar de forma satisfatória se não houver transferência, sendo necessário, para isso,

que o aluno suponha ao professor um determinado saber. E é dessa suposição ou da ausência dela que o professor se fundamentará, ou não, como figura de autoridade.

No tocante ao brincar observamos que com ele a criança elabora acontecimentos de sua vida, articulando significantes diante de acontecimentos do real, servindo-se de uma dilatação imaginária do como se. Desse modo, “a criança pode, ao brincar de faz-de-conta, fazer e refazer as contas, produzindo novas operações em torno das cifras que para ela insistem. Em lugar de ficar capturada no enigma, pode passar a operar com suas cifras” (JERUSALINSKY, 2009, p. 203).

Assim, vemos que o brincar da criança comporta um desejo, desejo de ser grande, de poder paralisar o vírus, de salvar o mundo e poder ir á escola, rever os amigos, a professora e os familiares que tanto ama, como parece nos mostrar os dizeres das crianças ilustrados neste estudo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

FREUD, S. (1908/2015) O escritor e a fantasia. In: _____ *Obras Completas*, Vol 8. São Paulo: Companhia das Letras.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In. FREUD, S. *Obras Completas*. V. 17. Tradução Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.

JERUSALINSKY, J. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. 2009. 272 f. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=158404. Acesso em: 10 nov. 2017.

KUPFER, M. C. (2005). *Freud e a educação o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione Editora.

MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. *Educar em Revista*. Curitiba, n. 64, p. 35-48, abr./jun., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00035.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

RIBEIRO, M. V, M.; NEVES, M. M. B. J. A educação e a psicanálise: um encontro possível?. *Psicologia. Teoria e Prática*. 8(2), p. 112-122, 2006.

WINNICOTT, D. W. (1896-1971). *A criança e o seu mundo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2014.

Recebido em: 22 de Julho de 2020

Aceito em: 30 de Agosto de 2020

¹ Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco - PPGCL UNICAP. Especialista no Ensino de Língua Portuguesa e em Gestão escolar. Graduada em Letras. Realiza estudos em Linguagem, Distúrbio, Multidisciplinaridade e Pesquisa com crianças e bebês. Atua como orientadora pedagógica na área de leitura e produção textual. Possui experiência com docência em cursos de Graduação e Pós-graduação, bem como na área de Linguística com ênfase em Psicanálise e em Aquisição de Linguagem, possuindo experiência também na área de Literatura e realiza assessoria pedagógica na área de Linguagens em instituições públicas e particulares da educação básica com foco na formação continuada de professores. Membro do NINAR - Núcleo de Estudos Psicanalíticos - Recife. E-mail: elisangelasilva1718@gmail.com

² Psicóloga, especialista em psicologia clínica hospitalar, Membro do NINAR – Núcleo de Estudos psicanalíticos – Recife. Membro do IPB – Intersecção Psicanalítica do Brasil, Membro do MPASP – Movimento Psicanálise autismo e Saúde Pública, Pesquisadora do projeto PREAUT Brasil – Clínica Pesquisa Interação na infância (Núcleo Recife/PE). Professora do Curso de Especialização Psicanálise e Clínica com Bebês (FAFIRE). E-mail: luanacrb@yahoo.com.br